

11270 - Outro olhar para a extensão universitária: o caso da região Centro-Sul paranaense.

Another look at the university extension: the case of Centro-Sul paranaense region.

ANJOS, Mônica de Caldas Rosa dos¹; BAZZO, Walter Antonio²; BEZERRA, Islandia³; SILVA, Osvaldo Heller da⁴

1 DNU/UFPR - PPGET/UFSC: monica.anjos@ufpr.br; 2 PPGET/UFSC: wbazzo@emc.ufsc.br; 3 PPGSAN/DNU/UFPR: islandia.ufpr@gmail.com; 4 PPSOC/DECISO/UFPR: osvaldohsilva@gmail.com

Resumo: A extensão universitária tem a capacidade de estreitar a relação com a sociedade, de modo a socializar o conhecimento, abrindo novos campos para a pesquisa e, conseqüentemente, a construção e consolidação de novos conhecimentos. Fazer da extensão universitária um modelo educativo, significando o ensino e o aprendizado, com a percepção das limitações existentes, permite uma maior aproximação com a realidade. Neste sentido, na tentativa de compreender como ocorre o processo de ensino e aprendizagem, foram investigadas as concepções que alunas de Nutrição tinham sobre extensão, bem como suas ações em um projeto de extensão universitária, com foco na agroecologia e segurança alimentar e nutricional.

Palavras-Chave: análise textual discursiva, educação, segurança alimentar e nutricional

Abstract: *The university extension has the ability to develop the relationship with society in order to socialize knowledge, opening new fields for research and, consequently, construction and consolidation of new knowledge. To make of university extension an education model, contextualizing the teaching and learning, with the perception of present limitations, allows a closer approximation to reality. In this sense, trying to understand how occurs the teaching and learning process, the conceptions of Nutrition students about the extent as well as his actions in a university extension project, focused on agroecology and food security and nutrition were investigated.*

Key words: *discursive textual analysis, education, Food Security*

Introdução

A universidade, por estar inserida na complexidade do mundo social, sempre teve suas funções determinadas pelos contextos culturais, sociais, econômicos e políticos, os quais repensavam, constantemente, suas atividades (SILVA, 2002). Como resultado da exploração capitalista da ciência e da aplicação do saber na indústria, surge uma universidade preocupada exclusivamente com o ensino e com a formação de profissionais capacitados a atender às demandas impostas pelo mercado, resultando em uma universidade intramuros, voltada ao cultivo do saber pelo saber (SGUISSARDI, 2002).

Por conta da crise hegemônica instalada, que exclui parte da sociedade de ter acesso aos conhecimentos produzidos (SILVA, 2000), surge uma nova forma de pensar a universidade, comprometida com as transformações sociais, do ponto de vista democrático e popular, que projeta a cultura universitária à comunidade (FERNANDES, 2009), criando assim outro pilar que é a extensão. Por não ter sido criada juntamente com o ensino e a pesquisa, esta função ficou contaminada por determinações pragmáticas das

políticas públicas e ligada às necessidades sociais das populações (SILVA, 2002), apresentando características assistencialistas, esvaziadas de qualquer significado emancipatório (CASTRO, 2004).

Este papel emancipatório está atrelado à compreensão de que a extensão possibilite a construção do conhecimento para transformação social, sendo fundamental pensá-la de outra forma. De acordo com Freire (2010), as práticas extensionistas que impõe sua cultura sobre a dos demais, não emancipa os sujeitos, ao contrário, escraviza-os, na tentativa de tornar os dois mundos (universidade – sociedade) semelhantes, normatizados e padronizados. O próprio termo extensão, nega a dialogicidade, necessária para que os homens, como sujeitos da práxis, aprofundem sua tomada de consciência, por meio de relações intersubjetivas, nas quais o conhecimento não se estende, mas se constitui nas relações homem-mundo.

Faz-se necessário entender como o conhecimento é construído e socializado, de modo a romper as barreiras que impedem a aproximação dos sujeitos na busca e produção de novos conhecimentos, para enfrentamento de problemas. Schaff (1983) colabora neste sentido, ao apresentar a tríade do processo do conhecimento - sujeito que conhece, objetivo do conhecimento e conhecimento como produto do processo cognitivo. No primeiro modelo proposto, chamado de construção mecanicista da teoria do reflexo, o objeto atua sobre o sujeito, que é passivo, contemplativo e receptivo. No segundo modelo, idealista e ativista, há um sujeito que conhece e que apercebe o objeto do conhecimento como sua produção, sendo ele próprio o criador da realidade. O terceiro modelo, objetivo-ativista, considera que o sujeito tem papel ativo no processo do conhecimento, e conhece a partir das relações sociais que faz com outros sujeitos. O objeto é apreendido pelo sujeito na e pela sua atividade.

Da mesma maneira, para entender como as práticas pedagógicas se instituem, é necessário identificar qual a concepção que se tem sobre sujeito, realidade e verdade. Estas diferentes posturas educativas são dependentes da maneira como se concebe o papel do sujeito no processo de ensino e aprendizagem, o que, de certa forma, influencia em como a extensão universitária é vista e posta em prática. Deste modo, é importante conhecer qual a concepção que se tem sobre estas questões, a fim de traçar estratégias capazes de tornar a extensão universitária uma ferramenta que venha favorecer um estudo e aprofundamento de questões demandadas pelas comunidades rurais e outras comunidades.

Metodologia

Este estudo trata de uma pesquisa realizada no âmbito de um projeto de extensão universitária, voltado à garantia da segurança alimentar e nutricional no meio rural paranaense. O campo empírico tem a sua abordagem nas oficinas realizadas nas comunidades rurais de quatro municípios da região Centro-Sul do Paraná, mais especificamente com o público de agricultores(as) agroecologistas. O período de acompanhamento foi de maio a agosto de 2011.

Alunas participantes deste projeto de extensão foram entrevistadas, com a finalidade de compreender qual a sua concepção sobre o papel da extensão universitária, bem como sua contribuição no processo de ensino e aprendizagem. As entrevistas semi-estruturadas

foram gravadas e transcritas e as respostas foram analisadas por meio da análise textual discursiva (MORAES, 2003). Além disso, foram realizadas filmagens das oficinas, nas quais as alunas participam, com o intuito de avaliar o processo de construção e socialização dos saberes construídos em cada espaço.

Resultados e discussão

Durante a análise das entrevistas alguns elementos foram destacados para que se pudesse construir um arcabouço teórico, a partir das variáveis encontradas (Tabela 01).

Tabela 01 – Trechos das respostas dadas pelas alunas às perguntas formuladas durante entrevista semi-estruturada realizada na fase inicial de um projeto de extensão universitária. Maio/2011.

Perguntas realizadas	Trechos das respostas
Qual o papel do professor/educador no processo de ensino e aprendizagem?	“Como o professor tem o conhecimento, mais do que a gente, (...) ele tem (...) de transmitir isso e de uma forma que a gente entenda”. “(...) deve ser um companheiro”. “Dar caminhos pro aluno desenvolver o senso crítico e ir em busca do conhecimento”.
Como o processo de ensino e aprendizado pode ser facilitado?	“O diálogo entre professor e aluno deveria ser maior, dando abertura para que haja perguntas”. “Discussões e debates e reflexões.” “Práticas de campo. Enriquece muito mais, fixa e você aprende melhor do que só tendo a teoria”.
Qual o papel do aluno/educando no processo de ensino e aprendizagem?	“É pensando, é aprendendo, eu acredito que, aproveitando todas as oportunidades de refletir, pra sair da faculdade sabendo questionar, tendo opinião própria”. “Cabe aos alunos fazer a sua parte de estudar sozinho”. “Questionar o professor”. “Vontade de querer aprender”.
Qual o papel social da universidade?	“De evoluir como cidadã, como ser humano”. “Oportunidade de conhecer outras coisas”. “(…) desenvolve dentro da universidade e leva pra fora”.
Que meios devem ser usados para divulgar a ciência e a tecnologia?	“Desenvolver a tecnologia, para poder empregar isso, na realidade da população e promover o desenvolvimento”. “Falar na linguagem deles, da realidade deles”.
Qual o papel da extensão universitária?	“O de levar até a sociedade tudo aquilo que a gente aprendeu e não deixar só aqui dentro”. “A extensão, ela vem pra agregar valor à construção, à fixação do conteúdo”.
O que você entende por Segurança Alimentar e Nutricional (SAN)?	“Ter uma alimentação segura”. “(…) é a capacidade que a pessoa tem, deve ter, de conseguir se alimentar e se nutrir e ter como conseguir o alimento e ao mesmo tempo se manter”.
Que atividades desenvolvidas no projeto de extensão estão relacionadas à SAN?	“Agregar valor ao que eles produzem”. “(…) o primeiro passo de ir até eles e passar esse conhecimento de que é possível”. “(…) aumentar a produção deles, eles vão vender mais, vão ter mais autonomia”.

Analisando as respostas, percebe-se que as alunas conferem ao professor/educador, o papel de transmissor do conhecimento, como se o mesmo fosse o único detentor de um saber que precisa ser repassado aos que estão “aprendendo”. Do mesmo modo,

entendem que o papel da universidade é de produção e difusão do conhecimento construído intramuros. Aqui, ao pensar a extensão universitária, como aquela que estende o conhecimento produzido intramuros para a sociedade (extramuros), há uma negação do sujeito coletivo, que interage com outros sujeitos, para melhor compreensão da realidade.

De acordo com Jezine (2004), a difusão do conhecimento não é unilateral, sendo importante auscultar as expectativas produzidas e valorizar o contexto em que as atividades se inserem, buscando uma relação de reciprocidade, mutuamente transformadora, em que o saber científico possa se associar ao popular (teoria à prática), em um constante movimento dialético.

Esta relação entre teoria e prática é apontada pelas alunas como sendo necessária para a apreensão do saber, vendo na extensão universitária, uma forma de garantir a aplicabilidade da teoria, adaptando a mesma às situações vivenciadas. Contudo, ao analisar as filmagens das oficinas, percebe-se que estas ainda estão presas a padrões teoricamente estipulados, não conseguindo fazer uma leitura crítica, acerca do “para que” e “para quem” o conhecimento construído está voltado, repetindo, nas oficinas, aquilo que “assimilam” em sala de aula, de modo descontextualizado.

No entanto, apesar do modelo mecanicista estar arraigado no discurso das partícipes do projeto de extensão, há a percepção da necessidade de um diálogo que possibilite a busca pelo conhecimento, o debate, a reflexão crítica sobre o problema, existindo uma relação com o terceiro modelo, proposto por Schaff (1983), em que a intersubjetividade e a relação com o mundo são considerados na construção do conhecimento. Trazendo Freire (2010), para a conversa, poder-se-ia dizer que o sujeito, ao analisar criticamente a realidade, passa a re-ad-mirá-la, tornando possível a transformação da mesma e do próprio sujeito.

A construção de um conhecimento contextualizado, histórico e socialmente determinado, deve ser um dos propósitos da extensão universitária, visto ser capaz de estreitar a relação entre a universidade e a sociedade, fazendo com que o conhecimento construído, em ambos os espaços, seja compartilhado. É, na execução das atividades de extensão, que as limitações do conhecimento são reconhecidas, fazendo com que a interação com a sociedade – e, aqui se refere às comunidades rurais - e circulação de ideias entre as diversas áreas e saberes, seja necessária, possibilitando o esmiuçar do problema, com vistas a sua compreensão.

Da mesma forma em que a atuação no ensino é determinada pelas relações sociais que o sujeito mantém com outros sujeitos, a maneira como se pensa a extensão universitária não é diferente. Por este motivo, se faz necessário estudar, de forma aprofundada, como a extensão vem sendo pensada *nas e pelas* universidades, a fim de, ao entendê-la, construir reflexões que possam colaborar com o processo educativo, a partir de uma compreensão de sujeito social, cuja relação cognitiva não é passiva, visto que o sujeito introduz algo de si no conhecimento, sendo considerado neste processo.

Agradecimentos

Aos colaboradores: Andréia Perussolo dos Santos (nutricionista), Gelson Luiz de Paula (agricultor – Instituto Equipe de Educadores Populares), Reginaldo Kuasnhki (agricultor e

faxinalense - Articulação Puxirão dos Povos Faxinalenses) e as acadêmicas do projeto de extensão universitária.

Bibliografia Citada

CASTRO, L. M. C. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27, 2004, Caxambu, **Anais**, Caxambu, 2004.

FERNANDES, L. L. **Gestão do conhecimento em projetos de extensão universitária direcionados às pessoas com deficiência**. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

JEZINE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2, 2004, Belo Horizonte, **Anais**, Belo Horizonte, 2004.

MORAES, Roque. Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Revista Ciência e Educação**. v.9, n.2, p.191-211, 2003.

SCHAFF, A. A relação cognitiva. O processo do conhecimento. A verdade. In: SCHAFF, A. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 65-98.

SGUISSARDI, V. Rumo à universidade competitiva: na modernização conservadora a universidade perde sua face, sua alma e sua identidade históricas. **PERSPECTIVA**, v.20, n.2, p. 239-268, 2002.

SILVA, E. W. O papel da extensão no cumprimento da função social da universidade. In: FRANTZ, W.; SILVA, E. W. **As funções sociais da universidade – o papel da extensão e a questão das comunitárias**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

SILVA, M.G. Universidade e sociedade: cenário da extensão universitária? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23, 2000, Caxambu, **Anais**, Caxambu, 2000.